



ALVORECER

PINTURA HISTÓRICA: Romantismo, abolicionismo e a arte no século XIX

Kayden Bezerra Nunes¹

Graduando em Artes Visuais Licenciatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Email: kaydenz.kay@gmail.com. Mini Biografia: Graduando em Artes Visuais Licenciatura pela UFPE e bolsista do PIBID, com atuação docente na área de história da arte. Desenvolve pesquisa sobre a história da arte cearense, com foco no abolicionismo e os heróis jangadeiros cearenses.

resumo_

Este artigo explora a conexão entre a obra e a figura de José de Alencar, o movimento abolicionista e a pintura histórica no Ceará do século XIX. Partindo do contexto do romantismo brasileiro e da influência de Alencar na construção da identidade nacional, procuramos analisar como a produção artística cearense retratou temas como a abolição da escravatura e a figura dos jangadeiros, liderados por Francisco José do Nascimento, o “Dragão do Mar”. Além disso, investiga o papel de Raimundo Cela na expansão dessa identidade regional cearense, a partir de suas obras que carregam um simbolismo romântico e poético.

Palavras-chave: José de Alencar, Raimundo Cela, identidade cearense, arte, abolicionismo.

abstract_

This article examines the interplay between José de Alencar’s literary legacy, the abolitionist movement, and historical painting in 19th-century Ceará. Grounded in the context of Brazilian Romanticism and Alencar’s influence on national identity construction, the study investigates how Ceará’s artistic production depicted themes such as the abolition of slavery and the iconic jangadeiros (raft fishermen)—led by Francisco José do Nascimento, known as Dragão do Mar (“Sea Dragon”). Additionally, it explores the role of Raimundo Cela in expanding this regional identity through works imbued with Romantic symbolism and poetic resonance.

Keywords: José de Alencar, Raimundo Cela, Cearense cultural identity, art, abolitionism.

José de Alencar_

José de Alencar (1829-1877) foi uma das figuras mais simbólicas da literatura brasileira do século XIX. Sua obra, marcada pelo romantismo e pelo nacionalismo, não apenas consolidou a literatura nacional, mas também influenciou outras expressões artísticas, como a pintura histórica². No Ceará, especificamente Fortaleza, terra natal de Alencar, sua presença predomina na esfera literária, tornando-se um símbolo da cultura e da identidade regional. Nesse artigo, procuro explorar como José de Alencar foi impulsionador na pintura histórica cearense do século XIX e como sua obra influenciou a produção artística local. A análise se concentra na relação entre literatura e pintura, destacando o papel de Alencar na construção de uma memória visual que valoriza a história e a cultura cearense.

A figura de José de Alencar também foi de grande importância no romantismo brasileiro, sendo basicamente um dos principais representantes, movimento que buscava construir uma identidade nacional através da valorização da natureza, do indígena e dos costumes locais. Suas obras, como *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865), tornaram-se símbolos da literatura nacional, retratando o Brasil de forma idealizada e heróica. Alencar não apenas escreveu sobre o Brasil, mas também refletiu sobre o papel da arte na construção da nação, defendendo a necessidade de

² O termo define pinturas que representam fatos históricos, é um registro pictórico do desenrolar de eventos da história, sua tematização se baseia na nação e na política. É um gênero marcado pelas alegorias e grandiosismo, com narrativa visual distinguível pela monumentalidade das figuras, o dramatismo e esplendor, enobrecendo batalhas e cenas de guerra.

uma produção cultural autêntica brasileira. Ele defendeu a autonomia brasileira pela prosa, sua escrita era recheada de ironia e diagnósticos, em que José de Alencar apontava que a barreira para uma produção cultural própria não estava no Brasil, mas em um sistema de pensamento imposto pelo colonizador, um pensamento vindo de fora que inferioriza toda a classe e que a elite local assimilava como verdade.

Quanto ao segundo defeito que hão de notar, de ires um tanto desbotado do matiz brasileiro, sem aquele picante sabor da terra: provém isso de uma completa ilusão dos críticos a respeito da literatura nacional.

Eis uma grande questão, que por aí anda mui intrincada e de todo ponto desnorteada, apesar de tão simples e fácil que é. Lá uns gênios em Portugal, compadecendo-se de nossa penúria, tomaram a si decidir o pleito, e decretaram que não temos, nem podemos ter literatura brasileira (ALENCAR, 1872, p. 08).

Também é importante citar que o presente artigo procura debruçar-se sobre a história escravista, relacionando com a abolição da escravidão, sendo o Ceará o primeiro estado a abolí-la e o movimento dos jangadeiros³, assim como as constantes representações artísticas da época, trazendo exemplos de pintores que retratavam o tema. Partindo do Romantismo brasileiro e projeto alencariano de fundação da produção cultural autêntica brasileira, o presente estudo

3 Movimento iniciado a partir da greve dos jangadeiros, trabalhadores do mar que eram responsáveis por levarem os escravizados e mercadorias dos portos para os navios e vice-versa. Com o levante abolicionista, foram deflagradas greves, os abolicionistas e jangadeiros sofreram com as represálias violentas dos policiais, mas em 1884, o Ceará foi o pioneiro na abolição da mercantilização de escravizados.

examina como o Ceará do século XIX forja sua própria narrativa visual. Com foco na pintura histórica, tema abolicionista e a citação dos jangadeiros e destaque de figuras emblemáticas da luta antiescravista, é explorado como elemento central da pesquisa uma construção de identidade e memória regional.

Terra da Luz_

O Ceará foi a primeira província brasileira a abolir a escravidão, em 25 de março de 1884, quatro anos antes da Lei Áurea. Esse feito foi resultado de um intenso movimento abolicionista, que contou com a participação de diversas camadas da sociedade, incluindo os jangadeiros. Liderados por Francisco José do Nascimento, o “Dragão do Mar”, os jangadeiros do Mucuripe se recusaram a transportar escravizados para outros estados, tornando-se símbolos da luta pela liberdade.

A figura dos jangadeiros foi retratada na pintura cearense do século XIX como uma expressão de heroísmo e resistência. Essas obras, muitas vezes produzidas por artistas anônimos ou pouco documentados, celebravam a luta pela abolição e reforçaram a identidade cearense como pioneira na libertação dos escravizados.

É preciso também contextualizar a situação da província cearense na época e o porquê de termos sido pioneiros nessa abolição. A primeira razão que explica esse pioneirismo está não exclusivamente nas pressões sociais, mas também no viés econômico.

“Uma das razões é que em 1872 os escravizados eram apenas 4% da população do Ceará, e esse percentual foi diminuindo em razão da venda de escravizados cearenses para as regiões cafeeiras de São Paulo” (Venâncio, 2024, parágrafo 18).

Assim como disserta o historiador Renato Pinto Venâncio, professor na Universidade Federal de Minas Gerais e autor de *Cativos do Reino: a circulação de escravizados entre Portugal e Brasil*. “A grande seca dos anos 1877-1879 [na região] acelerou esse processo de venda de escravos para outras regiões”, enfatiza.

Em outras palavras, no início da década de 1880, a classe dominante local não dependia mais economicamente dos escravos. (Venâncio, 2024, parágrafo 19).

Ou seja, a escravidão não era o carro chefe da mão de obra cearense, havia muitos trabalhadores já libertos, entre eles negros e indígenas, não havia um necessariamente um apreço por parte da classe senhorial pela mão de obra escravizada. Além desse contexto econômico oportuno, o crescimento do movimento abolicionista culmina para um resultado favorável aos militantes da época, tendo inclusive um episódio histórico importante. Houve na província cearense um antecedente importante da luta. Por isso, Venâncio atenta que, “apesar dessas condições estruturais favoráveis”, não pode ser esquecido o papel do movimento abolicionista no episódio de 1884. “Ele [o abolicionismo] existiu no Ceará e inclusive teve apoio popular, como no caso dos jangadeiros” (VENÂNCIO, 2024, parágrafo 34).

Em janeiro de 1881, os jangadeiros que atuavam no Porto de Fortaleza decidiram fazer uma greve, fechando o porto ao tráfico de escravizados. A ação foi liderada pela Sociedade Cearense Libertadora. Até 1884, esse movimento teve altos e baixos, inclusive com confrontos entre os militantes e a polícia. Os ânimos só começaram a ser apaziguados quando Sátiro Dias(1844-1913) assumiu o governo da província, em 1883. Simpático às ideias abolicionistas, ele passou a dialogar com os grevistas e, claro, a extinção da escravidão no Ceará acabou sendo a hábil solução do político. Nesse momento de greve, surge a figura do Dragão do Mar, Francisco José do Nascimento(1839–1914), que como era um jangadeiro conhecido e liderava muitos dos práticos e demais funcionários de barcos atracados no porto, organizou um boicote contra os donos de escravizados, se recusando a embarcar as pessoas escravizadas. Em poucos dias muitos conterrâneos aderiram ao movimento abolicionista e passaram a dormir no Porto, e pressionar navios que se dispunham a transportar os cativos. Não era raro ver Francisco participando de altercações com policiais e liderando grupos para sabotar embarcações que não aderiram ao movimento.

Figura 1: *Livre!*



Fonte: Revista Illustrada, Rio de Janeiro, 1884.

O Romantismo no século XIX e as influências de José de Alencar e Raimundo Cela_

A pintura histórica no Ceará do século XIX foi influenciada pelo contexto nacional, marcado pela criação da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) em 1826 e pela disseminação dos ideais românticos. No entanto, a produção artística cearense também refletiu as particularidades regionais, como a seca, a abolição da escravatura e a valorização de figuras locais.

A representação dos jangadeiros na pintura histórica cearense pode ser entendida a partir da valorização do trabalho livre e da defesa da liberdade, temas presentes tanto na obra de Alencar quanto no movimento abolicionista. A figura do jangadeiro, como trabalhador do mar e defensor da liberdade, pode ser vista como uma extensão do ideal romântico de Alencar. O escritor buscava retratar o Brasil como uma nação heróica e autêntica, sendo inclusive um tema frequente das pinturas históricas da época, o que ajudou a consolidar a identidade cultural de Fortaleza.

O século XIX foi uma época conflituosa, de rupturas, tumultuosa que, com suas ruínas e de seus ecos, pode-se desenvolver vários outros adjetivos para descrevê-la. O romantismo do século XIX que em seu projeto trazia uma tentativa de cisão ou fratura com os modelos eurocêtricos, estagnou no intencional, pois, ainda bebíamos das fontes européias e apesar da visão decolonial, suas raízes ainda eram eurocêtricas. Embora a construção romântica da identidade nacional apresenta diversos pontos questionáveis, tal crítica é anacrônica, pois se funda em con-

tribuições teóricas posteriores, como as do pós-colonialismo, dos estudos de gênero e da teoria da desconstrução.

O romantismo nasce a partir de uma transição econômico-social, é a partir da queda do sistema feudal e ascensão da classe econômica burguesa, que se vê agora um novo público alvo para a produção artística: a burguesia. Entretanto, enquanto se via na Europa o triunfo burguês e suas conquistas, a partir da aliança com classes populares, o que se vê no Brasil é a aliança entre a classe burguesa e os grandes latifundiários, ou seja, o romantismo brasileiro era um projeto da elite para a elite, não obstante a abordagem de temas que tocavam a questão do negro e do indígena. É nesse cenário que surge a figura de José de Alencar com suas produções literárias decoloniais e indianistas, procurando desenvolver uma identidade brasileira, fazia pouco tempo desde a Independência do Brasil e se via como necessária essa procura pelas raízes propriamente ditas brasileiras, o país precisava reafirmar suas raízes para se afirmar como uma nação propriamente dita como livre e autônoma, soberana.

Na obra *Iracema* (1865), o autor traz a história de uma indígena tabajara, a Iracema, que se apaixona por Martim Soares Moreno, português aliado aos potiguaras, povo inimigo dos tabajaras, levando-a a trair o segredo da Jurema e lutar contra o seu próprio povo para viver ao lado do amado. A relação dos dois é uma alegoria à mestiçagem, extremamente comum no Brasil e em Fortaleza, da junção dos dois surge a nação brasileira. A exploração das paisagens também é tipicamente romântico, descrita densamente e de forma idealizada, ela exalta a paisagem cearense e é combustível para a glorificação das paisagens da nossa nação.

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba; verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros. Serenai verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas (ALENCAR, 2001, p. 15).

É a partir dessa análise da figura de José de Alencar que é possível pensar em como suas obras refletem no desenvolvimento de uma identidade brasileira e impulsionaram o mundo artístico cearense, contribuindo para a formação de uma identidade regional.

Uma figura importante a ser analisada, apesar de sair do escopo do século XIX é Raimundo Cela, importante pintor cearense. Raimundo Brandão Cela nasceu em Sobral, em 1890, logo se mudando para Fortaleza ao ingressar no Liceu do Ceará, onde cursou Ciências e Letras. Em 1910 frequentou a Academia Imperial de Belas Artes e em 1917, obteve o prêmio de Viagem ao Estrangeiro pela obra “Último Diálogo com Sócrates”. Morando em Paris entre os anos de 1917 a 1922, viaja para Inglaterra, Bélgica, Holanda e Espanha e herda estilísticas da gravura em metal de Frank Brangwyn.

Raimundo Cela, pintor, desenhista e gravurista, tinha como tema a tipologia da terra, ou seja, os tipos humanos regionais, com perspectiva formal e estética. Ele retratou a força do trabalhador, o desvencilhando da estética da pobreza e retratava principalmente jangadeiros, profissão tão comum em Fortaleza, tornando-a um emblema e enriquecendo a identidade regional cearense.

Embora tenha atuado principalmente no início do século XX, foi profundamente influenciado pelo contexto histórico e cultural do Ceará do século XIX. Suas obras, como *Jangadeiros entrando no mar* (1940), retratam a vida e o trabalho desses homens do mar, destacando sua importância para a identidade regional. Cella não apenas celebrou a coragem e a resistência dos jangadeiros, mas também reforçou seu papel como símbolos da luta pela liberdade. Suas representações são marcadas por um realismo poético, muito simbólico que combina a precisão técnica com a típica visão idealizada romântica do trabalhador cearense. Suas pinturas dos jangadeiros não apenas documentam a realidade do litoral cearense, mas também celebram a resistência e a dignidade desses homens, que foram fundamentais para o movimento abolicionista.

A figura dos jangadeiros, em particular, é um tema recorrente na obra de Cella. Influenciado pelo movimento abolicionista do século XIX, que teve nos jangadeiros do Mucuripe um de seus símbolos mais emblemáticos. Cella retrata esses homens do mar como heróis populares, que enfrentam as adversidades com coragem e dignidade, recusando-se a desistir de seus ideais, homens que viviam pela luta e pelo povo.

Raimundo Cella teve a ousada decisão de mudar-se, em 1938, para Fortaleza, instalando-se no Centro, onde ocupava um atelier. Lá produziu uma de suas obras de grande destaque, “Abolição dos escravos no porto de Fortaleza” (1938), cena marcante para a História do Ceará.